

No 24.º aniversário do «Belenenses»

O sr. comandante Reis Gonçalves entrega a primeira medalha a Francelina Moita, campeã nacional de dardo

(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 43 • 29 DE SETEMBRO DE 1943

Uma escola de natação em Viana do Castelo

TEMOS afirmado várias vezes que o desporto vive muito da dedicação de alguns entusiastas. Há ainda, por piores que sejam os tempos que correm, quem pratique e ensine o desporto como apostolado. Mas nem todos os sacrifícios são conhecidos. Há muita coisa ignorada, a tal respeito, por todo o país.

Esta afirmação voltou ao nosso espírito num dia destes. Deambulando pela margem norte do rio Lima e entrando na doca, fomos deparar com uma escola de nadadores em plena actividade. Não fugimos à tentação de acompanhar, discretamente, uma das lições dada naquela tarde de fim de verão, após uma curta série de dias de vendaval. Já custava a acreditar ver tanta gente na água tranqüila e limpa da doca. Surpreendeu-nos, porém, o proselitismo do professor.

Podíamos talvez acrescentar que não chegámos a saber o seu nome. Não o perguntámos, de facto, ao interessado. Não lhe falámos, propositadamente. Quisemos apreciar em silêncio o seu esforço, a sua modestia, o seu sacrifício, numa escada de descida para o mar, sem a aparelhagem de alguns clubes de Lisboa, onde os instrutores podem ministrar lições sem cuidados de maior. Apenas um pau, certamente restos de velho mastro de qualquer barco de pesca; um cabo enrolado na ponta e um cintro próprio para ensino. O instrutor tinha de estar descalço. Envergava por isso um fato de banho, com camisola de treino, para não arrefecer.

Era ele quem tinha de segurar o próprio pau, descendo ou subindo as escadas, para dar maior ou menor corda ao aluno — e fazia-o com desvelos de professor interessado no rendimento do ensino — e na aplicação dos alunos. Não é creatura de gestos largos e vozes de comando. É mais insinuante — na sua maneira de ministrar ensinamentos. Uma tábua para o trabalho de pernas na «crawl» completava a aparelhagem da escola. O professor — era tudo, afinal.

Foi nesta escola, assim, todas as tardes, nos dias quentes de verão ou nos dias frios de outono, com paciência evangélica, que se formou o núcleo aguerido de rapazes que foram levar a Espinho, nos últimos campeonatos nacionais de natação, a representação do Sport Clube Vianense — e do próprio Minho. Em Espinho surgiu uma obra — em realidade e em perspectiva.

Este professor, obsequioso e competente, é o sr. Frederico Pinheiro. A natação, no Vianense, está entregue em boas mãos. A sua escola — é um exemplo do que se pode fazer quando há entusiasmo por uma ideia.

Ao sr. Frederico Pinheiro, por este meio, os nossos cumprimentos.

MÁRIO DE OLIVEIRA

NOTAS & COMENTÁRIOS

TEVEMOS oportunidade a vitória de Beni Levi, contra Peiró, que o derrotou em Barcelona. A volta de novo triunfo já foi apreciada pelo nosso distinto crítico da especialidade. Para esta série de comentários queremos focar somente a diferença de comportamento: em Espanha, o campeão português, tocado fortemente de principio, teve ânimo para ir até o fim. Em Lisboa, Peiró ficou pelo caminho...

No conjunto dos dois combates, não há dúvida de que Beni Levi ganhou em espírito de luta. Soube lutar. E isto é condição indispensável para vencer.

O primeiro dia dos campeonatos distritais animou apenas algumas regiões. Os distritos que apareceram já em ação são aqueles em que o futebol está mais espalhado. Talvez pareça pleonástica a conclusão. Mas a verdade é que estas coisas nem sempre são lembradas pelos outros distritos — na altura própria, quando é preciso marcar o valor relativo de cada região.

ALGUNS resultados obtidos na provincia parecem traduzir melhoria de forma por parte de vários clubes. Destacamos, entre esses resultados, por constituir surpresas, a derrota do Vitória de Guimarães, pelo Famalicão.

É certo certamente para tirar conclusão de um só jogo. Mas devemos ir anotando estes factos, a cautela. O clube de Famalicão reforçou, este ano, a sua equipa de honra. É, pois, provável que a «transfusão» tenha sido útil. Aguardemos, entretanto.

OS acidentes, em futebol, nem sempre resultam do comportamento violento dos jogadores. O caso ocorrido no jogo Atlético-Fórforos é conclusivo. O guarda-redes do Fórforos chocou com um dos defesas do seu grupo — e ficaram ambos maguados. Um, o guarda-redes, teve de sair do campo. E o outro ficou inutilizado para o resto do encontro.

JOAQUIM Baptista Pereira, grande nadador português de meio-fundo e fundo, atravessa, este ano, um período de plena forma e notável entusiasmo. Está-se adaptando bem às provas de velocidade — e às provas de trauços. É bom em todos os estilos, ganhou merecido valor como nadador completo. Mas pode, com isso, perder a especialização necessária para tentar novos records.

EM Setúbal correu-se uma prova de mar, em natação, de Albarquel a Setúbal, na extensão de 2.500 metros. Merece relevo o facto de se organizar uma prova de mar, embora no Sado. Não passou, todavia, do prova inter-sócios do Clube Naval Setubalense. A corrida de Albarquel a Setúbal pode servir para dar ideia das condições de água para uma prova de maior categoria. Esta prova teve resultado pouco vulgar — a vitória de uma nadadora, na classificação geral. Cuida essa honra a Susana Gomes, em 40 m. 14 s.

ANO XI—Lisboas, 29 de Setembro de 1943—II SÉRIE-N.º 43

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146—LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e Impressão tipográfica na
GRÁFICA SANTELMO—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O «Diário Popular», o mais novo diário da capital, esteve em festa, para comemorar o seu primeiro aniversário. O «Diário Popular» constituiu um dos êxitos mais completos e mais brilhantes dos últimos tempos.

Todos os assuntos desportivos lhe merecem cuidada atenção. Neste campo o seu trabalho tem sido orientado pela pena brilhante de Ricardo Ornelas, um colaborador da nossa revista e jornalista desportivo dos mais distintos do país.

Ao nosso colega apresentamos efusivas saudações, com os melhores votos de longa vida.

A Associação de Futebol de Lisboa completa, no dia 23 deste mês, 33 anos de valiosa existência. A nossa mais antiga federação regional do desporto tem prestado notáveis serviços ao futebol lisitano. Um dos melhores serviços foi, precisamente, a sua fundação. Duas tentativas anteriores haviam passado, quando Carlos Vilar pensou numa associação neutros moltes. A solução pensada por Carlos Vilar deu excelentes resultados. Não é bem aquela que existe presentemente. A Associação é, porém, a mesma. Persiste — e tem assegurado longo futuro.

Aos corpos gerentes de A. F. L. apresentamos as nossas felicitações.

ENCONTRA-SE de luto, por morte de sua tia, o nosso querido amigo e colega José Dias Pereira, conhecido e categorizado dirigente do «Basket-Ball» e da natação.

A José Dias Pereira os nossos sinceros pêsames.

ENCONTRAMOS, ha dias, no «Comércio do Porto», nosso prezado colega do norte, um comentário curioso acerca de determinada atitude assumida pelo Futebol Clube do Porto. Essa atitude consistiu num apelo do referido clube à imprensa da sua cidade, para criar ambiente favorável à reorganização das suas equipas de futebol.

O cronista desportivo do «Comércio do Porto» elogiava o procedimento do Futebol Clube do Porto, como prova, pouco vulgar, de consideração de um clube pela missão da imprensa. O comentário está certo. Os clubes, muitas vezes, só se lembram da imprensa — para dizer mal...

REFLEXO, ou não, do ambiente de apoio e entusiasmo criado em redor do esforço de reorganização que o Futebol Clube do Porto está fazendo, em futebol, o certo é que a estreia da nova equipa se fez com uma vitória sugestiva, por 9-0, contra o Académico; não obstante, a equipa apareceu com gente nova, entre jogadores largamente experimentados.

É possível que o Académico não estivesse em tarde de rendimento. Mas é também provável que o resultado constitua uma indicação — para o futuro. As equipas precisam de sangue novo — de vez em quando.

A nota enotica da primeira jornada do campeonato regional de futebol deu-o, brilhantemente, o Sport Lisboa e Benfica. A deztois minutos do fim do encontro perdia por 0-3, com um terceiro goal cedido por irregularidade na grande área. Seria desculpável a demoralização da equipa. Mas houve, pelo contrario, um arranjo admirável de energia e confiança. Quando o desafio terminou, o Benfica triunfara, por 5-3!

A proeza foi já posta em destaque em mais de um jornal. Mas aprás-nos anotá-la aqui, como facto que valoriza o desporto. Os últimos minutos do desafio entre o Benfica e o Unidos ficam para a história. O desporto é uma escola magnifica quando praticada com elevação.

HÁ outro comentário a fazer, relativamente ao jogo a que acima nos referimos: duas troças de jogadores concorreram para tornar eficiente um quinteto avançado que não marcou pontos. Entre os jogadores que mudaram de posição figuram os dois extremos. Se fosse apenas essa a mudança, poder-se-ia concluir que ambos estavam com os pés trocados...

Comentários, observações e ensinamentos

Resultados na 2.ª jornada do campeonato de Lisboa de futebol

por TAVARES DA SILVA

A visão de conjunto da segunda jornada prolonga o agrado da primeira. Sob vários aspectos, há elementos suficientes para se afirmar que se nota uma forte corrente no sentido de praticar o jogo nas melhores condições, dando-lhe uma expressão portuguesa, e a melhor possível.

A segunda jornada punha abertamente o problema da reacção dos clubes considerados como mais fracos em face da acção dos mais fortes. Havia o ponto nevrálgico da Tapadinha. Os outros lugares, tanto as Salésias como o Campo Grande, principalmente o segundo ponto de referência citado, davam menos ensejo a dúvidas. A primeira vista, há a impressão — os resultados tanto podem exprimir a realidade que encobri-la — de que o lote dos três menos categorizados não desempenhou papel de grande relevo. Talvez assim não seja. O Unidos fragmentou-se, perdendo o necessário sentido de conjunto. Mas deu réplica. O Fósforos, com um arranjo forçado, foi vencido, é certo, mas em condições honrosas, pela forma como apareceu e respondeu a todos os golpes. Mas deu luta. O Atlético foi um adversário em tudo e por tudo igual ao seu adversário. Como consequência, o melhor futebol desenvolveu-se na Tapadinha; porém, nos outros recantos do jogo também se verificaram fases de qualidade. Jogadores e árbitros portaram-se bem, de um modo geral. De resto uma coisa puxa a outra.

Cabe ainda, nesta visão de conjunto, uma referência merecida e especial ao campo da Tapadinha, que então visitámos. O campo sofreu úteis melhoramentos. O público foi arreado alguns metros, em todo o seu contorno, no que só ganha a luta e o jogo. A vedação de ferro desapareceu e em seu lugar construiu-se um muro de resguardo, aproveitando-se ainda a oportunidade para reparar convenientemente a casa dos vestiários do terreno, facilitando-se deste modo a entrada e a saída dos jogadores e árbitro em condições de segurança. Já porque Ribeiro dos Reis levantou outro dia, e muito bem, a questão de se tratar ao menos dos terrenos duros, enquanto não há relva — que uma coisa nada tem que ver com a outra — não queremos deixar de afirmar que o da Tapadinha revela o carinho da mão que dele cuida. Sem dúvida, é visível o esforço dos clubes dirigido ao melhoramento das suas instalações.

Tendências para o jogo rasteiro

O jogo rasteiro é o grande processo, em condições normais. Compreende-se que se jogue doutra maneira em determinadas circunstâncias. Quando o campo se transformou em lamaçal, ou está alagado justifica-se que a bola toque apenas o indispensável no solo. O ideal seria mesmo, nessas condições, conservá-la sempre no ar. Por isso dissémos: em condições normais.

O processo do *jogo rasteiro* dá precisão, que é uma grande qualidade, a tudo que se passa no terreno. O jogador põe a bola facilmente onde quer, permitindo assim os *deseñhos* mais artísticos que imaginar se possa, além da eficiência que caracteriza este jogo, quando bem conduzido.

Sabemos perfeitamente que não estamos a dar qualquer novidade. Exactamente por se tratar de uma *coisa* sabida de todos é que insistimos. Porque os jogadores se esquecem amíde, e até os técnicos (incluindo os treinadores), destas coisas tão velhas como velho é o jogo, até pela tendência que há, por vezes, para fugir à simplicidade ou à ideia de facilidade, a fim de fazer o mais difícil, complicando as coisas.

Eis porque destacamos a tendência para o *jogo rasteiro* verificado na Tapadinha, e um pouco em outros locais do pontapé.

Um papel a caracter para o Atlético

Um futebol é tanto melhor quanto mais equilibrados forem os seus valores. Sob o ponto de

vista de competição, quanto mais iguais se apresentarem os *teams* em luta. Os desafios entre os grandes clubes não têm mais publico, assistências elevadíssimas, só pela sua camada de associados ser muito mais espessa. Também porque a sua luta oferece mais atractivos, pela beleza do jogo e pela emoção, resultantes naturais do equilíbrio da competição.

A atmosfera sombria e triste, em certos domingos, do campeonato de Lisboa e de todos os campeonatos portugueses, afinal, resulta precisamente de se conhecer o vencedor, assim como a sua vítima. Por isso mesmo, no exercício da nossa função, temos procurado seguir uma orientação que conduza ao fortalecimento dos grupos que embora, com condições, ainda não atingiram a maturação que se nota nos mais categorizados. Por isso mesmo entendemos que o Atlético pode esta época desempenhar um valioso papel no torneio que decorre. Basta que se não enfraqueça desmedidamente ao sair do portão da Tapadinha, e que aí continue a lutar, concentrando todas as suas energias e qualidades, como lutou com o categorizado Sporting. Se assim acontecer, o Atlético não desempenhará um papel passivo nesta luta, antes influenciará, e porventura poderosamente, no seu desfecho. Quanto a resultados, e quanto a tudo o resto.

O grupo tem a vantagem de não possuir *ases*. Parecendo que não, isso pode ser uma vantagem. A existência do *jogador excepcional* num grupo, se pode, é certo, decidir um desafio, melhorando o nível do jogo pela influência exercida nos restantes, também lhe provoca altos e baixos, além de outras funestas consequências de ordem interna e de actuação em campo. Claro que o ideal seria ter onze *ases* ligados por íntima ideia de colaboração. Mas a perfeição é sempre difícil de atingir. Em muitos casos impossível. Exprimimos a mesma ideia inicial em relação ao Atlético, afirmando que o onze revela acentuado equilíbrio nas diferentes partes que o compõem. Pondo naquilo que produz a marca da sua energia, vivacidade e do seu espírito de luta. Trata-se de rapazes que se dão inteiramente à sua obra, não se deixando intimidar pela categoria do adversário. *Team* que se convença, por esforço de vontade colectiva, que é capaz de praticar feitos para a história (o exagero da expressão é propositado) não deixa de ser auxiliado pelos próprios acontecimentos. O Atlético pode muito bem meter-se dentro desta afirmação. Tal a prova dada no domingo.

Caso o consiga, os grandes clubes vão sofrer muito na Tapadinha e um pouco fora dela.

Sangue novo nas fileiras do Sporting

Os tempos daquela linha avançada do Sporting, como realidade, já passaram. Estão esquecidos. Tudo sofre a sua natural evolução. O futebol não foge à regra. Os *teams* têm a sua vida limitada. Como os jogadores. Até pelos *teams* serem constituídos por jogadores, e a sua vida só se admitir como necessária ficção. O que provocou a queda sportinguista não vale a pena ser aprofundado. Fim e cansaço de alguns jogadores. Abatimento de *forma* de outros. Como consequência, futebol sabedor mas vagaroso, boa colocação no terreno mas falta de velocidade, desejo de acertar mas escassês de energia. Numa palavra, as fileiras sportinguistas careciam de sangue novo. Ha muito se via que assim era.

É possível, neste momento, que o clube não tenha ainda a quantidade de sangue suficiente para a transusão necessária. Todavia, essa operação já começou, e os seus resultados salutaros, como se verificou, devem por certo encorajar o cirurgião. Não foi a asa esquerda do Sporting que venceu o desafio, ela, que, por acaso, estabeleu o empate 3-3 e conseguiu a vitória 4-3. É justo afirmar que todos os jo-

gadores — as duas excepções que se poderiam fazer não vale a pena fazê-las — penetrados da necessidade do triunfo, isto é, de que uma nova derrota destruiria todas as possibilidades sportinguistas relativamente ao título de campeão de Lisboa, o título da sua vocação, lutaram com excepcional denodo e firmeza, não esquecendo a arte de bem jogar, para que essa vitória fosse um facto. É fora de dúvida, porém, que o *team* revela, em todos os seus movimentos, uma frascura a que nos desabilitaria, por certo o fruto do jeito e intuito, e da mocidade, da sua asa esquerda, que nada indica que tenha sempre aquela constituição, visto Virgolino Jesus ter sido um interior esquerdo de recurso, pois o seu posto habitual é na simetria do outro lado. De qualquer modo se está em pleno desenvolvimento — queremos acreditar — um plano de renovação do quadro sportinguista. Já que esse plano não pode ser traçado nem executado com elementos descobertos ou feitos no ambiente clubista, que o seja com elementos lobrigados por bons olhos em terra estranha.

Jogadores vítimas doutros jogadores

Há jogadores que nunca a-cendem ao primeiro plano, por causa das circunstâncias. No entanto, eles possuem todas aquelas qualidades que caracterizam e distinguem o jogador. São vítimas, apenas, da existência doutros jogadores que, já com prestígio e crédito firmado, ocupam os lugares. Às vezes sómente por chegarem primeiro.

O caso de Dóres é expressivo. O Benfica, ao que nos dizem, também tem um expêndido guarda-redes abaixo de Martins. Se no Sporting não estivesse um homem chamado Azevedo, há muito que Dóres teria chegado ao primeiro grupo, como efectivo. Noutro qualquer clube ele brilharia, portanto. Sendo porventura mais útil ao próprio jogo. No Sporting, Dóres é vítima de Azevedo. Esta lista de *vítimas* podia até alargar-se.

Há também jogadores *descobertos* por acaso. Um homem que joga ordinariamente a avançado, um dia, por falta de um *back*, desce à defesa, acomodando-se de tal modo ao lugar que lá fica para toda a vida. Descobriu o seu sítio. Quem sabe se o Sporting, julgando ter um interior-direito em Virgolino, não descobriu um interior-esquerdo?

Já que estamos com a mão na massa, falando de jogadores, aproveitamos a oportunidade para afirmar que é nosso convencimento que não há jogadores *insubstituíveis*. Há, é certo, jogadores que, quando abandonam definitivamente, ou quando impossibilitados de alinhar, provocam uma situação que nunca tinha sido estudada, para a qual nunca se procurara solução, e isso, evidentemente, provoca embaraços. Todavia, as circunstâncias forçam a solução, e não há memória de ela não ser encontrada. Tudo se recompondo, às vezes com inesperada facilidade. Por outro lado, o afastamento dos jogadores *terminados*, e as doações e punições que obrigam à substituição chegam a oferecer vantagens: permitem a ascensão dos *novos*, os quais aguardam a sua hora, e também têm direito à vida, favorecendo a descoberta de valores.

Belenenses bem. Desmembramento do Unidos

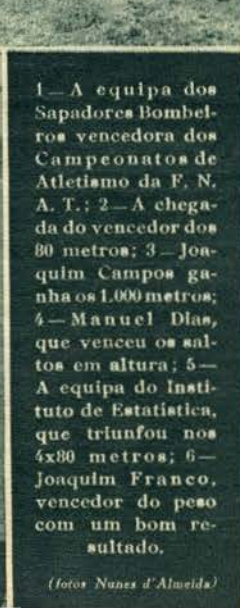
O Belenenses não subiu em relação à jornada anterior. Também não desceu. Conservou intactos os seus dotes: movimentação rápida e ágil das suas células; bom toque e boa passagem, em consequência; colocação acertada no terreno (cada unidade sabendo, em todas as emergências, onde deve estar, qual o seu sítio).

O que diminuiu — dizem-nos todos — foi o poder do Belenenses de remate, o poder de conclusão afirmado no estádio do Lumiar. Daí a interrogação: — Como é que, nesse caso, o Unidos, grupo que a crítica tem justamente gado, sucumbiu por uma tão acentuada diferença de *goals*?

É a resposta vem logo. Porque o Unidos fez a sua pior exibição dos últimos tempos. A má exibição que todos os grupos têm em dada altura. Perdendo por completo o sentido do ataque, e remetendo-se por conseguinte a uma função de defesa, todo o peso do jogo caiu

(Conclue na página 10)

O Torneo
de atletismo
da **FNAT**
decorreu
com grande
interesse.



1—A equipa dos Sapadores Bombelros vencedora dos Campeonatos de Atletismo da F. N. A. T.; 2—A chegada do vencedor dos 80 metros; 3— Joaquim Campos ganha os 1.000 metros; 4— Manuel Dias, que venceu os saltos em altura; 5— A equipa do Instituto de Estatística, que triunfou nos 4x80 metros; 6— Joaquim Franco, vencedor do peso com um bom resultado.

(fotos Nunes d'Almeida)

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1 — Manuel da Silva, segundo classificado nos campeonatos de Lisboa e Portugal. — A fotografia colheu o atleta em flagrante posição de desequilíbrio, mostrando a origem dos frequentes fracassos nas suas tentativas.

1 — O pé esquerdo já se desviou, logo á primeira rotação, muito para além do eixo de projecção que marcamos a tracejado no círculo e em consequência o movimento giratório não pode prosseguir em condições normais. Segundo a boa regra, a linha de deslocação de cada um dos pés, quer no método americano, quer no método alemão, segue paralela ao eixo do círculo e nunca cruza com elle: isto é, o pé esquerdo assenta sempre á esquerda e o pé direito á direita do diâmetro que indica o sentido de lançamento. Procurando averiguar as causas deste erro, deve ser atribuído ao desequilíbrio inicial do corpo do lançador, inclinando-se para a direita e perdendo o domínio do martelo, como se vê em...

2 — ...evidência na flexão lateral do tronco para a direita, acertadamente desviado da direcção do membro inferior em apoio e em luta contra a força centrífuga, á qual não opõe a resistência de aproveitamento da força da gravidade. O corpo todo do lançador deve opôr-se perpendicularmente ao ponto de tracção do martelo. A posição da perna esquerda mostra claramente um esforço de resistência lateral á tracção do martelo, quando devia ser inteiramente antero-posterior (3).

4 — Foi a mesma necessidade de luta contra o desequilíbrio (vê-se com nitidez que o martelo arrasta o lançador, em vez de ser o lançador senhor do martelo) que atirou a perna direita para fora, em attitude que não permite supor para onde ella irá aterrar.

Em qualquer circunstância nunca lhe será possível completar a rotação; basta ter presente a ideia de que os dois pés quando assentam simultaneamente no solo devem estar com as extremidades digitais no sentido contrário ao de lançamento.

A fotografia mostra, em resumo, falta de coordenação nos movimentos e desconhecimento da maneira de deslocar os pés no círculo.

2 — Mota Capitão, detentor do "récord" das Escolas Superiores. — O atleta emprega o estilo em extensão e acaba de executar o golpe de rins.

1 — A posição é bastante correcta: a bacía foi atirada para diante pelo esforço dos lombares, que os dorsais apoiaram, provocando a posição de extensão do tronco.



2 — Os braços afastaram-se lateralmente, arrastados pela necessidade de equilibrio e vão voltar adiante por movimento em arco de círculo de baixo para a frente ao mesmo tempo que o corpo quebra pela cintura, engrupando em posição de queda.

3 — A flexão da perna pelo joelho, neste momento do salto, exagerada e inútil para simplicidade do esforço de engrupamento conviria que as duas pernas estivessem pendentes e paralelas.

3 — Carlos Oliveira, segundo classificado no campeonato nacional.

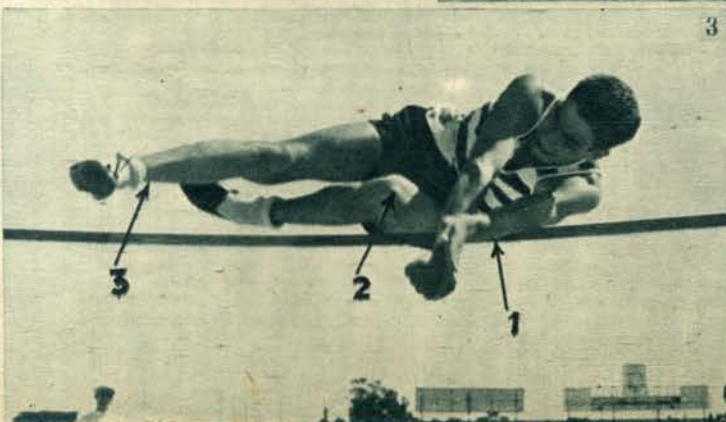
1 — O principal interesse desta fotografia está na forma correcta (confrontar com os saltos do campeão João Durães) como o saltador mete o braço inferior á frente do corpo por cima da barra, em perfeita harmonia com o trabalho da perna do mesmo lado. Por esta forma, toda a metade esquerda do corpo roda sem torções por sobre a barra e a descida prossegue sem manobras antigónicas das duas cinturas, escapular e pélvica.

2 — Este joelho devia ter sido mais puxado para a frente da bacía, o que auxiliaria o esforço ascensional.

3 — A perna superior, a primeira a ser lançada para o salto, vai bem adiantada e em extensão, no início da descida e que arrasta o corpo além da barra.

NOTA — A observação que fizemos aos comentários do nosso querido camarada Eduardo Soares, sobre o estilo de António Cadete, parece que serviram para alguns "intencionados" bolsarem veneno e deturparem os objectivos, interpretando-a a seu modo. Esclarecemos, para seu desconsolo, que apenas apontámos uma deficiência de documentação que poderia acarretar enganos de análise, sem por qualquer forma atingir a apreciação técnica, sobre a qual nenhum reparo se justifica — porque é absolutamente exacta.

Salazar Correia



A acção dos clubes e as possibilidades e qualidades dos praticantes

COMO prometemos, iniciamos hoje uma série de pequenos artigos através dos quais focaremos, em rápida análise, a actividade dos clubes e dos praticantes portugueses na época de atletismo que acaba de findar.

Falaremos, em primeiro lugar, do Futebol Clube do Porto, que foi, sem sombra de dúvida, o clube que mais trabalhou pela modalidade.

Com uma equipa quasi só constituída por jovens, o clube da Constituição demonstrou estar a seguir salutar orientação, pois toda a sua actividade teve por objectivo o renascimento da sua «população praticante», sem o qual o atletismo não poderá progredir. Arnaldo Borges e Luís Retumba, dois dedicados desportistas, a quem estava entregue a chefia da secção atlética da popular agremiação «azul-branca», souberam rodear as dificuldades que se lhes depararam — a principal das quais foi a desorganização dos serviços administrativos e técnicos da A. P. A.; e embora, por outro lado, só pudessem dispor, para treinos, de um campo de futebol com piso durissimo, e lutassem, por outro, com a falta do material indispensável, apresentaram uma equipa bem preparada e cheia de possibilidades. Pode dizer-se que poucas vezes se trabalhou tanto, em atletismo, no F. C. Porto. E afirmou-se isto, a bem da justiça.

Morato, Soares Póvoas e Romero — três praticantes genuinamente «azuis-brancos» — foram as figuras mais destacadas entre os jovens atletas de 1943.

Morato, campeão nacional de júniores desta época, pode considerar-se uma revelação na especialidade. Dispondo de condições naturais fora do vulgar, elevando-se com facilidade apreciável e dispondo ainda de intuição para a altura, só lhe resta, agora, uma preparação técnica aturada, para que os seus resultados tenham melhoria sensível. Um inverno de ginástica adequada à especialidade que pratica, a par de ginástica educativa — esta para evitar que determinados órgãos se desenvolvam desproporcionalmente, em detrimento do seu estado físico geral — um inverno de educação física, dizíamos, seguido do estudo técnico do salto (que deve incidir, sobretudo, no pormenor da chamada «pois», pois reside nêle, quanto a nós, o seu maior defeito), farão dêlle um atleta de largo futuro.

Quando a Soares Póvoas, lamentamos sinceramente que seja também jogador de futebol. É que se o não fosse, e se por outro lado quisesse dedicar-se «de alma e coração» ao atletismo, estaríamos na frente do melhor corredor de velocidade prolongada que os portugueses até hoje registaram e do mais digno sucessor de João Dias. Assim, o futebol dá mais um prejuizo ao atletismo — e talvez para sempre, visto que Póvoas tem tantas qualidades para triunfar naquella primeira especialidade, como na segunda...

A pesar disso, e como a época futebolista passará a findar no mês de Maio, ainda esperamos ver Soares Póvoas figurar entre os nossos melhores especialistas de 400 metros e — quem sabe? — de 800 metros! Tecnicamente, os seus principais defeitos estão no trabalho dos braços e na posição do tronco — defeitos esses difíceis de eliminar, porque resultam da prática do futebol. Mas com vontade — parecidos que Soares Póvoas tem gosto pelo atletismo — e estudo será possível fazer alguma coisa de útil no seu estilo, que virá a reflectir-se naturalmente nas suas proximas corridas.

De Romero diremos que se trata de um jovem a educar desportiva e tecnicamente. Está «verde», mas se quiser e o treinador tiver «culso» para o assegurar, vê-lo-emos entre os nossos melhores especialistas de 200 metros.

Falámos dos três jovens que nesta época se revelaram com melhor futuro na equipa do F. C. Porto. Mas outros há com possibilidades dignas de registo: Lopes — um corredor de

1.500 metros que merece atenção; Landolt, Oliveira, Severino, Fernando Jesus, Alberto, Waldemar Faria, Valente — um lançador de peso cheio de qualidades, — Pinto, etc. Um grupo de jovens que, só por si, garante o futuro do atletismo português.

Arnaldo Borges e Luís Retumba estão de paratêles. Mas é preciso que a actual direcção do F. C. Porto lhes preste o auxilio indispensável e não exija dêles os sacrificios enormes a que a direcção anterior os obrigou.

EDUARDO SOARES

Braga vai instituir campeonatos regionais?

É insólito que a capital do Minho tem progredido extraordinariamente no aspecto desportivo. São exemplos vividos o rejuvenescimento do seu futebol — parte à custa de mercadoria importada — e as suas competições em «basket-ball», «volley-balls», etc.

Possuindo um bom e regular lote de atletas, a cidade de Braga manda os seus representantes ao Porto disputar as provas dos campeonatos regionais, em luta com as turmas do burgo, mas de maneira tal que a véhiha cidade dos arcebispos sai dêles ufana, glorificada.

Pensa-se, pois, dar a Braga o que a Braga pertence, isto é, fazer disputar naquella linda cidade minhota os campeonatos regionais do distrito, porque de outra divisão administrativa se trata, na realidade.

Se é certo que, a dar-se esse facto, só pode redundar em prejuizo do atletismo português — a quem os bracarenses dava o relêvo especial, pelo seu comportamento em campo e pelos seus conhecimentos — a verdade é que é inteiramente justo, e até louvável, que os bracarenses queiram propagandar o atletismo na sua terra com a massa de que dispõem e que é, valha a verdade, de bom «pêso».

Agitam-se os propagandistas, fazem-se entrevistas, e um jornal chamou a si o cuidado de desenvolver a idéa até que ela frutifique.

Vendo bem as coisas pelo lado criterioso, as competições realizadas no Porto, e nas quais entram os atletas minhotos, accretam elevada despesa, pela deslocação e outros gastos indispensáveis.

Ora o distrito de Braga tem bons centros desportivos, como Viana do Castelo, Barcelos, Guimarães, Fafe, Famalicão, etc. Basta que em alguns dêles se organizem turmas de atletas, para, juntamente com os da capital do distrito, poderem, pouco a pouco, obter bom lote de individuos aptos a entrarem na disputa dos campeonatos máximos.

Mas como a preparação deve, racionalmente, começar no inverno, será preciso — se pretendem pôr essa idéa em prática no próximo ano — não desperdiçar um só momento, não descurar absolutamente nada, para conseguirem a sua finalidade e satisfazer cabalmente o seu objectivo.

Mãos à obra, pois. Trabalhar, mas já, para que a ginástica entre em acção quando o inverno chegar, preparando o atleta para receber os ensinamentos da modalidade em que se especializar.

A direcção do Futebol Clube do Porto formulou um apêlo à Imprensa, no sentido de se organizar trabalho proficuo, criterioso e contínuo, que leve aquêlle clube ao lugar a que tem já na orgânica desportiva nacional.

Todos sentimos as vicissitudes por que tem passado o nosso campeão. Todos desejamos e aguardamos o momento em que, tal como outrora, venha a colhêr novos louros no seu caminho, pela mesma senda de que tanto se orgulharam os portugueses.

O F. C. Porto não é caso único. Muitos outros clubes têm sentido as mesmas crises, as mesmas dificuldades, e todos, um a um, delas se têm libertado, mercê do esforço dos seus dirigentes e atletas, e também porque dispunham de massa associativa que compreendeu e sentiu os maus bocados por que passou a sua associação.

Por que é condenável e prosequir em erro crasso, pretender seguir caminho mau, não tentar obter, por todos os meios licitos, a reinvoltiva dos acontecimentos que o impeliram para o declínio.

Somos dos que temos sentido as infellicidades do F. C. Porto — infellicidades acentuadas pela falta de visão e errado pensamento de alguns dos seus dirigentes e de tantos que se dizem amigos n.º 1 do F. C. P.». —

Leamos atentamente a circular para os jornalistas e o arrazoado para o público. Cogitámos, medimos as suas expressões e chegámos à conclusão de que, de facto — parece-nos — esta direcção do campeão português pretende adoptar processos diferentes.

Abater bandeiras, destruir facções, esquecer malquerenças, inimizades — vamos a escrever ódios, como se esta palavra pufesse ser admitida entre desportistas — congragar as energias dispersas, reunir os esforços de todos em volta do estudo do clube, da sua bandeira, dêsses inúmeros trofus que são a representação concreta do que foi o F. C. Porto, é o grande trabalho a que a nossa direcção do clube tem de meter ombros, se pretende fazer obra grandiosa, que a deizes perpetuamente inscrita no livro de ouro da história do seu clube.

A hora é grave, exige a máxima reflexão. Julgamentos ponderados, revisão de processos e o cotejar justo de penalidades, são atitudes de aconselhar.

Ou o F. C. Porto volta a reunir em seu redor todos os que, em momentos de exaltação e esquecendo os seus deveres de associados, rasgaram os cartões, desinteressando-se do futuro do clube quando êle mais precisava de todos — ou então os portugueses não podem ser mais classificados de briosos e de bravios!

O F. C. Porto não pode acabar só pelo pêso de quaisquer derrotas que venha a sofrer (a vitória de domingo, contra o Académico, pôde muito bem ter sido um episódio).

O F. C. Porto só acaba quando na sua gente não houver coragem, fé, dedicação!

O F. C. Porto precisa de vencer os seus adeptos, mas, antes, tem de vencer-se a si próprio. Tem de dominar as vicissitudes que o assoberbaram e passar por cima de muita contrariedade, para voltar a ser o que era.

Se por vezes temos apontado erros, é porque nunca vimos, como agora, uma direcção que vem junto da Imprensa solicitar a sua cooperação, no sentido de levantar o F. C. Porto do marasma em que caiu — em que o fizeram cair...

É daqui por diante — lutar aos novos! Deixem que sangue jovem circule nas veias do corpo quebrantado do nosso clube. Aguardem o futuro com fé e confiança.

É este o dever de todos, como associados — e o nosso, como portugueses, como nortenhos!

MÁRIO AFONSO

Notas... sem valor

ABRIU a época da bola! Três surpresas na primeira jornada: o empate do Leixões, no seu campo, com o Leça — um pouco «à deriva», por falta de contacto com o esférico; o «cheque» do Salgueiros ao Boavista, cotado como dos favoritos ao título; e a fechar a série de deslucos o copioso resultido sofrido pelo Académico. Dos três, a maior vitima foi o último, sem dúvida, forçado a «setaman-

cars» o grupo com gente das reservas, em último recurso. Deixou de contar nada menos do que com cinco unidades da primeira categoria, já bem «calejados» nos jogos divisionários...

— A direcção do Académico empregou todos os meios para apresentar uma formação forte, digna do nome do clube. Não teve pelo seu lado, porém, o principal factor: «chance»...

(Conclui na pág. 11)

O "Torneio dos Campeões," e os campeonatos de Oeiras e Estoril

A semana que findou em 19 do corrente foi fértil em actividade ténis.

Na Costa da Caparica, em Santo Amaro de Oeiras e no Estoril, efectuaram-se competições que decorreram com apreciável interesse e proporcionaram magníficas jornadas de propaganda do ténis.

Se estas organizações tiverem sido as últimas da temporada oficial — e tudo indica que sim, pois nada transpira quanto a outras iniciativas — pode dizer-se afortunadamente que a época se encerrou da melhor maneira.

Em poucas linhas — porque o espaço escasseia, vamos referir-nos a cada uma das organizações.

Começemos pelo «Torneio dos Campeões» na Costa da Caparica, promovido pela Liga dos Amigos daquela progressiva zona de turismo.

Os moldes em que a prova assentou revelam claramente que o propósito de proporcionar um espectáculo se sobrepôs ao de promover um campeonato. Mas nem por isso a iniciativa deixa de merecer aplausos, pois serviu da melhor maneira a propaganda do ténis. E se bem que não se possa dizer que a modalidade não tem já o «seu público» — o que aprecia, de verdade, o jogo e o que não despreza as reuniões mundanas — o certo é que se houvesse mais vezes certames como o da Costa da Caparica, o ténis estava mais desenvolvido.

Há necessidade de captar sempre o público, porque sem o favor da sua presença não são possíveis organizações internacionais, cujos benefícios para os nossos jogadores são evidentes.

Sob este aspecto, a iniciativa da Liga dos Amigos da Costa da Caparica, está, até agora, em n.º 1 da presente temporada.

Com efeito, reunir na mesma tarde José Roquete, Eduardo Ricciardi e Domingos Avilez, os três melhores elementos do nosso ténis, não é tarefa fácil. É invejável que o êxito da organização fica sempre assegurado.

O numeroso público da Caparica pôde assistir a três encontros de singulares e um de pares. A reunião não foi, por isso, fastidiosa, tanto mais que os jogadores se exhibiram de modo agradável.

José Roquete — um exemplo de dedicação e interesse pelo ténis — foi a figura saliente da jornada. Na mesma tarde venceu Eduardo Ricciardi e Domingos Avilez, conseguindo sobre o segundo excelente desforra do fracasso no Estoril.

Fernando Frade, esperança do nosso ténis, compôs o quarteto que se exibiu. A escolha não foi desafortunada e, sobretudo, proveitosa para o novo jogador. É assim que se progride.

Falemos, agora, dos campeonatos de Oeiras.

Esta organização pôs claramente à prova as possibilidades do Sporting Clube de Oeiras. O certame nada ficou a dever às outras competições similares, nas quais a temporada pode considerar-se fértil. Em confronto com os torneios da Curia, Luso e Figueira, os campeonatos de Oeiras não desmereceram.

Os concorrentes habituais destes torneios não faltaram; e os nomes mais consagrados não se escusaram e até as senhoras contribuíram para o êxito da organização, permitindo a disputa das provas de «singulares-femininos» e «pares-mistos». Por outro lado, o público, comparecendo em boa quantidade, contribuiu para a animação verificada nas quatro jornadas.

Congratulamo-nos com o êxito da organização, que pode constituir incentivo para outros cometimentos de maior vulto.

José Roquete registou mais uma vitória... e enriqueceu a sua colecção de trofeus. Está na sua melhor forma e neste campeonato não teve adversários difíceis. As «honras» foram, desta vez, para José da Silva, que chegou à final depois de ter eliminado Domingos Avilez. Esta vitória deve ter constituído, por si só, a

Combates e arbitragens

CRÓNICA DE RAFAEL BARRADAS

DURANTE os recentes espectáculos de «boxing», realizados tanto no Parque Mayer como no terreno do Sport de Lisboa e Benfica, tivemos ocasião de verificar que os directores dos combates, denominados «árbitros» quando lhes cabe designar o vencedor, não se encontram muito senhores do seu papel.

Como é que acções capitais do jogo do sóco e outras que mais intimamente se lhe referem, após tantos anos de experiência, ainda se conhecem tão pela rama? Eis um facto incontestável, e até certo ponto enigmático, cuja análise deixaremos ao leitor. Fixaremos, apenas, isto: o pugilismo ou esgrima de punhos, tal como é praticado pelos profissionais portugueses, não passa de uma caricatura do verdadeiro desporto. Entre nós, embora havendo excelentes possibilidades de o fazer com razoável proficiência, joga-se mal o «boxing» e não deveremos esquecer que se trata de um desporto perigoso e de funestas consequências, ou quasi inofensivo e de reconhecida utilidade, conforme for ou não desprezada e desconhecida a sua técnica e a sua arte.

Em geral, os encontros entre jogadores profissionais a que assistimos mostram-nos muita gana de bombardeamentos e absoluto desprezo pelas elementares regras do bem esgrimir.

Os golpes sucedem-se, alternadamente de um e de outro punho, um tudo nada incertos e desvaçados, comandados pelo instinto e não dirigidos pelo raciocínio. A semelhança de um pugilato de rua com tais encontros de jogadores de «boxing» é flagrante. O público, pouco a pouco, habituou-se a tais espectáculos sem levantar protestos.

Contudo, assim não vamos longe. O melhor recompensa para o seu labor e dedicação pelo ténis.

A vitória de Teixeira Bastos sobre Gama Lobo forneceu uma das notas salientes da prova. Mas significa mais a quebra de valor do vencido do que os progressos do vencedor. É assim que deve ser encarado êsto desfecho da luta.

Dos restantes pode dizer-se que se exhibiram dentro das suas possibilidades.

Por último, os campeonatos de júniores do Estoril. A iniciativa é digna de aplausos, pelo que representa de útil para a modalidade. A organização merece louvores, porque habitua novos jogadores a bons princípios, — que os «já feitos» parecem ignorar — e porque permitiu a regular sequência das provas.

Mas (há sempre um «mas»...) era indispensável que se tivesse já fixado, de uma vez para sempre, as condições de inscrição. Porque em boa verdade a qualificação de júnior tem sido muito arbitraria. A que obedece essa qualificação? A idade? Ao valor evidenciado pelos jogadores?

Isto vem a propósito da participação de A. Azevedo Gomes nas várias provas. Foi, como não podia deixar de ser, a figura saliente do torneio. A sua inscrição pode ter afastado vários concorrentes, pois são conhecidos, na sua carreira, belíssimos resultados — e presentemente faz parte da equipa que ganhou o campeonato de Portugal inter-clubes, 2.ª categoria. Este jogador devia no seu próprio interesse, ter concorrido a outras provas (por exemp.º aos «internacionais» do Estoril ou aos campeonatos de Oeiras).

As provas de infantis foram, por isso, mais interessantes. No lote numeroso de jogadores com menos de 15 anos salientaram-se Teixeira e Mário Vinhas. Pel: primeira vez, entre nós, disputou-se uma prova de pares para jogadores infantis. O facto revela bem os louváveis propósitos do Estoril P. T.: valorizar as suas organizações.

DRIVE

gresso do «boxing», e com êle a sua expansão e propaganda, deixarão de se fazer.

Mas esta falta de progresso, e evidente estagnação, não é só na prática do jogo que se manifesta. Também a acção do «terceiro homem dentro do ring», circunlóquio muito frequente para definir a pessoa do árbitro ou director de combate, está longe de merecer o nosso aplauso.

Na última sessão nocturna do Parque Mayer assistimos, por exemplo, a uma arbitragem cheia de intervenções inoportunas e falhas de toda a justificação.

Estamos em crer, e não pomos dúvida em mencioná-lo aqui, que a pessoa do árbitro procedeu na melhor fé e boa vontade. Como ela, a maioria dos nossos directores de combate actuais têm bastantes qualidades para se tornarem bons e capazes juizes do que se passa no «ring». O seu verdadeiro papel, porém, escapa-lhe e, em ocasiões de maior dificuldade, perde o domínio dos nervos.

Falávamos das intervenções de certo árbitro. Mas os jogadores se agarravam e entravam no corpo-a-corpo iludindo a acção, ouvia-se a voz do juiz: *break! break!*

A assistência, graças ao instinto aguçado com que são dotadas as multidões, percebeu logo que o árbitro estava «às escuras». Realmente não estava vendo nada... Os homens agarravam-se e batiam sem nenhuma ideia das irregularidades, mútuas e simultâneas, que cometiam.

O público passou a repetir com um eco a palavra «break» e a antecipar-se ao árbitro logo que os jogadores se agarravam: *break! break!*

A assistência, muito a tempo, deu uma lição ao director do combate e êste, obrigado pelo ridículo da sua situação, fez o que já tinha tido por obrigação fazer muito antes. Admoestou publicamente, com um aviso de futura desqualificação, os dois pugilistas, por combaterem irregularmente!

Que isto de arbitrar um combate de «boxing» nem sempre é coisa fácil. Poderíamos falar das grandes dificuldades que tivemos de resolver quando, há anos, no palácio Cristal, da nobre cidade Invicta, arbitramos o combate entre Tavares Crespo e Anibal Fernandes, para o campeonato nacional dos meios-médios.

Pois muita gente julgará que a principal missão do director de um «match» de sóco consiste em subir ao quadrângulo, impecavelmente vestido de branco, cumprimentar o público e os dois jogadores, analisar as ligaduras de cada um e dizer umas banalidades no meio do «ring», depois de dar uma moeda ao ar, para sorteio das luvas. Em seguida, com os pugilistas de cada lado, formar um grupo fotográfico que os fotografos impressionam nas suas chapas e películas para, no dia seguinte, sair tudo muito catita nos jornais.

Principiado o combate, o árbitro deverá tomar uma atitude de corredor de velocidade à espera do tiro de partida, borboleteando em volta dos jogadores como um perdigueiro farejando a caça. Chegado o primeiro corpo-a-corpo é ocasião de gritar *break! break!* Em seguida: e mesmo que os dois «boxeurs» tenham percebido muito bem e façam menção de obedecer, o árbitro deve precipitar-se no meio deles, empurrar cada um para seu lado e passar — triunfalmente — como quem prefura um obstáculo.

Esta imagem, caricatural decerto, exagerada proposadamente, tem muitos visos de verdadeira. Mas dirigir com acerto um desafio de «boxing», parecendo-se bastante com a descrição feita acima, não se resume neste aspecto teatral e demasiado objectivo.

Conhecimento exacto dos regras do jogo, muita observação do que se passa entre os «boxeurs», decisão rápida e enérgica, eis o resumo das principais qualidades de um bom director de combate. Brevemente desenvolveremos, noutro artigo, o nosso ponto de vista sobre este assunto.



Um momento de pânico para o Sporting... A defesa dos "leões" foi batida—mas a bola saiu pela gaboceira...



Peyroteo vê fugir mais uma oportunidade!



Uma atitude de Teixeira na luta com a defesa do Fósforos

Na segunda jornada...
BELENENSES e BENFICA
 Conquistaram vitórias expressivas
o SPORTING esteve à beira do empate...



Eduardo Santos não se deixou bater... desta vez...



Com Vergílio à tábua, Quaresma procura entrar a ação de Eduardo Santos



Um movimentado ataque benfiquense às balizas do Fósforos

FUTEBOL

(Conclusão da pág. 3)

O torneio de «water-polo»

organizado pela F. P. de Natação com o patrocínio da «Stadium» começa no próximo domingo.

sobre os elementos da defesa. Quando assim sucede, estas podem jogar melhor ou pior, e daí deriva o resultado. Mes perdesse sempre.

José Pedro continua a destacar-se — pelo seu elegante estilo de jogador. Amaro cresce. Assim como Serafim. Enquanto uns sobem outros decaem. É o caso de Carlos Pereira, que se limita agora a cumprir, quando antigamente dominava de fio a pavio, impondo vitórias. O crítico Mário Santos dá esta nota muito bem, afirmando que Carlos Pereira *deve ter convencido quem o não esteja de que, afinal, a sua hora já passou.*

Benfica venceu. Fósforos digno adversário

O Benfica venceu por 5-0. Estes números que anunciam uma vitória fácil são enganadores. Para um crítico como Ribeiro dos Reis escrever que, *sem o trabalho de Martins, sempre certo, não saberia qual teria sido o desfecho da partida*, é preciso que o Fósforos se tenha comportado nitidamente bem.

O facto parece-nos tanto mais notável quanto é certo que o Fósforos, posto à prova por incapacidade física de alguns jogadores e por outras causas que não deixam dispôr de outros, apresentou uma linha quasi toda ela de recurso, em angustiosa situação. Médicos que passam para a defesa; avançados para a linha média, e outras coisas que tais. O comportamento do *team* no Campo Grande faz, mais uma vez, a prova de que o Fósforos tem fundo clubista.

O Benfica dispôs-se ao trabalho sério na primeira fase de segundo tempo. Nessa altura, jogando raso ao solo, deu a medida das suas possibilidades, com o grupo a funcionar como uma máquina, com todas as peças no seu lugar, em jogo consciente.

As várias espécies de «goals»

O *goal* é o grande momento do jogo. Uns mais belos que outros. Mais ou menos espectaculares. Provenientes de pontapé muito forte ou de remate colocado. Miquelarena, antigo cronista desportivo, hoje grande «reporter» espanhol da vida internacional, fez em tempos uma tabela curiosa de *goals* e sua divisão pelas várias espécies, entre as quais nos lembra que incluía o *goal colocado*, aquele que resulta de remate de pouca força quando o jogador quer mandar a bola para o canto direito da baliza e ela entra pelo lado oposto, e o *goal fantasma*, aquela bola que toda a gente viu transpôr a linha menos o árbitro, ou aquela bola que só o árbitro viu transpôr.

Seja como for, o *goal* é o maior momento. O instante em que o jogador põe à prova não só a excelência das suas qualidades técnicas como o domínio do seu temperamento. Só por ter havido *goals*, com resposta, o encontro da Tapalhinha valorizou a segunda jornada. Recordamos o primeiro *goal* do Atlético, de *cabeca* do avançado centro, recolhendo passagem larga do lado direito, mas tão rápida, com toque tão preciso, que a bola cortou o espaço sem fazer barulho.

Ainda o curioso *goal* de Peyroteo, de remate que enganou o guarda-rede, porque a bola resvalou da bola, batendo no chão antes de colar-se nas redes. Albano, porém, fechou o capítulo dos pontos com o chamado *goal de bandeira*. Como desejaríamos fechar esta nossa crónica de hoje.

A II DIVISÃO

PROSEGUIU no último domingo o campeonato da II Divisão A. F. L.

Os encontros desta segunda jornada forneceram os seguintes resultados:

Estoril, 8 — Operário, 0
Chelas, 5 — Casa Pia A. C., 2
Olivais, 1 — Sacavenense, 4
F. Benfica, 3 — Marvilheense, 3

Temos, portanto, duas vitórias dos clubes visitados, uma de um visitante e um empate, verificando-se que foram marcados, na totalidade, 25 «goals» — precisamente o dobro dos registados na jornada anterior. Parece, portanto, não haver já motivos para focar a pouca eficiência dos avançados.

Todos os resultados acima indicados podem consi-

derar-se naturais. Mais, até: não contrariam o desenrolar das operações.

O Estoril, que há uma semana se mostrara pouco realizador, obteve já um «score» como aqueles que nos habituara na época finda. E o Operário, que em 1942-43 podia gabar-se de ter sido a única equipa que não voltara derrotada da Costa do Sol, não pôde, desta vez, repetir a façanha. A luta só decorreu em toda a equitativa nos primeiros momentos; depois, a vantagem dos estorilenses notou-se claramente, bem como a inspiração dos seus dianteiros.

O Chelas mereceu ganhar o desafio de domingo, mas a marém folgada que obteve é que pode considerar-se ilusória. É certo que os avançados constituiram o melhor compartimento do «team» e os cinco tentos marcados traduzem as suas possibilidades. O Casa Pia A. C. é que não conseguiu ir além do dois «goals», a despeito da sua exibição, sob o aspecto técnico, não ter desagrado. Teremos a repetição de 1942-43, em que os casapienses nem sempre ganhavam quando mereciam? Os chelenses tiveram acentuada vantagem na vivacidade com que se empregaram, desejos de fazerem esquecer o desaire da jornada anterior e de não se atrasarem na classificação.

O Sacavenense alcançou merecido triunfo, resistindo bem à luta arduosa dos oliveirenses, que, já no domingo anterior, haviam evidenciado claramente esse predicado.

Os benfiquenses e os marvilheenses forneceram o único empate da jornada e, também, a luta mais equilibrada. Cada um dos dois «goals» que viu o domínio; todavia, sem uma jogada infeliz de um benfiquense, que fez um «goal» na sua própria baliza, talvez o «team» da casa tivesse saído vencedor.

O Marvilheense, com dois empates em dois jogos, revelou que é equipa com quem é preciso contar.

ZÉ DO PEÃO.

CAMPEONATOS DO PÓRTO E DE SETÚBAL

O F. C. do Pórtio voltou a repetir a «proeza», desta feita amentada... e condicionada. Foram 10 «goals» como poderiam ter sido mais, se houvesse maior acerto na direcção da partida.

Raras vezes, nos últimos tempos, temos visto o F. C. do Pórtio fazer um jogo como o realizado contra o Leixões. Toda a linha desdeu bom rendimento, todos os sectores actuando em ligação harmoniosa. São boas auspícios. Ninguém a destacar, porque todos foram excelentes. A progredir no terreno, a equipa deu confiança à sua massa associativa, pois até inteligência houve — aponte-se a modificação feita na tática, quando a linha avançada jogava para Lourenço que, vigiados pelo Adão, pouco seguimento podia dar às jogadas, passando a fazer o jogo em profundidade e lançando os extremos. Ante-se, porém, que o Leixões, a exibir-se com certo brilho, não teve sorte. Dois verdadeiros «goals» encontraram no poste ou na trave a sua defesa. Aitimoso, lutando sem desalento, o Leixões perdeu perante um adversário que lhe foi superior em poder técnico e em tática.

O Salgueiros, no seu campo, desfez-se do Leça, mas dificilmente, mercê da infelicidade que perseguiu o seu ataque. Tem um grupo mediano e que joga, mas que por falta de «finição» não construiu resultado que se visse. Valha a verdade que o Leça não se entregou.

O Boavista parece querer melhorar. As nossas informações dizem que a sua tática é defeituosa, que os seus avançados precisam de saber conhecer o ponto onde o remate, se ser disparado, pode resultar profuso. Como ficaram contra o Académico, e que não vale... Fontepareiz é sorte é prejudicial o resultado prático do jogo. Talvez que, corrigido este defeito — aliás antigo — os rapazes do Bessa venham a obter a vantagem de que necessitam.

O Académico está, francamente, na «mó de baixo». Embora tivesse agido melhor do que contra o F. C. do Pórtio, não se mostrou capaz de conseguir o que nos vale... nas suas cores. É preciso olhar por alguns sectores — o médio é um portento de... «exelheces». E é pena, porque o Académico, valha a verdade, merecia um pouco de mais sorte.

ESTÁ em plena actividade o XVI campeonato da Associação de Futebol de Setúbal, ainda com o mesmo número de clubes (oito) na I Divisão.

Tantos participantes na prova é assento que tem sido debatido muitas vezes... E nesta época, além dos encargos que a prova normalmente acarreta para os clubes, surgiu mais um: terem de se efectuar jogos à quinta-feira.

Per isto mesmo se impunha que baixasse para seis o número de concorrentes, como sucede na divisão principal dos restantes campeonatos distritais.

Quere-nos parecer que se o caso fosse tratado no princípio da época, assentando-se, por exemplo, em ficarem excluídos na época seguinte os dois últimos classificados, e em disputar o sexto da classificação os jogos de passagem com o vencedor da II Divisão, nenhum dos clubes ficaria prejudicado e a A. F. de Setúbal não era lesada ou abalada no seu prestígio.

Unidos do Barreiro, Barreirense, Vitória de Setúbal, Seixal, Amora, Luso do Barreiro, Onze Unidos do Montijo e Arrentela F. C., este último pela primeira vez, compoem a I Divisão.

Na primeira jornada, as vitórias dos Unidos, Barreirense, Vitória e Seixal, respectivamente, sobre o Amora, Onze Unidos, Luso e Arrentela, foram normais.

Mas logo no segundo dia surgiram as primeiras surpresas: o Amora, no seu campo, venceu bem o Barreirense, que não teve o apêgo à luta que seria para descajar; e o Unidos limitou-se ao empate um tanto difícil com o Luso, que se mostrou entusiasmado e aguerido.

No Montijo, o novo divisionário averbou a primeira vitória, contra o Onze Unidos, e no Seixal a equipa local

A ideia lançada nas nossas colunas de fazer reviver entre nós o «water-polo» — bela modalidade desportiva que se encontrava esquecida há muitos anos — teve imediato aplauso da Federação Portuguesa de Natação.

Esse aplauso traduziu-se pela organização de um torneio, que a F. P. N. regulamentou com cuidadoso critério, sendo-lhe destinada, como prémio principal, uma taça que oferecemos.

A pesar da altura da época em que as circunstâncias proporcionam a sua disputa e do carácter que o envolve — como que a título experimental — a ideia foi acolhida com toda a simpatia. Responderam logo à chamada dois clubes que muito têm produzido em prol da natação em Portugal: o Sport Algés e Dafundo, detentor de obra formidável, tão avuitada que não pode ser expressa em adjectivos correntes, e o Alhambra Sporting Club, uma colectividade em labor constante, a desenvolver também acção utilíssima pela causa desportiva e — por menor a salientar — organizando com frequência, na sua piscina, encontros de «water-polo».

Estas duas agremiações serão aquelas que, nesta primeira tentativa, terão a honra de lançar de novo a semente para a prática do emocionante jogo.

Compreendemos que, dos outros clubes que cultivam a natação a maioria não se encontrava em condições de formar os seus «setes». Alguns tiveram a gentileza de nos manifestar o seu desgosto pelo facto, com a afirmação categórica de que o próximo ano não os colherá desprevénidos.

E como o Algés e Dafundo — onde nunca desapareceu o gosto pelo «water-polo» — não deixará seguramente de prestar a este esforço a sua sempre dedicada e valiosa cooperação, a repetição do torneio encontrá-lo-á nas mesmas disposições: a sua magestosa piscina e os seus treinadores proporcionarão os necessários meios de treino, até que volte a jogar-se a sério o «water-polo» em Portugal.

Isto significa fazer obra construtiva, sem intuídos reclamistas — obra de desinteressada mas valerosa.

O torneio disputa-se, portanto, e esta época com três equipas: duas do Algés e Dafundo e uma do esforçado Alhambra S. C.

Nos dias 3 e 10 de Outubro efectuam-se os jogos entre o S. A. D. e o A. S. C. No dia 7, incluído no «Torneio de Propaganda da Natação», faz-se o encontro inter-equipas do S. A. D.

Então, as taças «Stadium» e «Amigos do «water-polo» do S. A. D.» — esta marcando a dedicação do grande clube pela iniciativa — ficarão a recordar um passo em frente para o resurgimento de uma modalidade desportiva abandonada há oito anos!

foi severamente batida pelo Vitória, que denuncia este ano grandes possibilidades.

O interesse para a 3.ª jornada aumentou assim extraordinariamente e os clubes com pretensões, aliás justificadas, tiveram de encetar a competição mais a sério, se bem que o calendário ainda não chegara a nenhum dos jogos considerados de sensação.

RESULTADOS DE ESPANHA

Começou no passado domingo o campeonato da Liga. Resultados apurados:

A. Aviação	7 —	Celta de Vigo	0
D. Coruña	2 —	Real Madrid	2
Real Sociedad	2 —	Valência	4
Barcelona	3 —	A. Bilbao	3
Sevilha	5 —	Sabadell	2
Castelón	2 —	Espanol	1
Granada	5 —	Oviedo	2
Gijón	3 —	Osasuna	0
Leonesa	2 —	Saragoça	1
Arenas	0 —	Murcia	1
Baracaldo	1 —	Gorez	2
Hercules	2 —	Valladolid	2
Alcano	2 —	Consistência	1
Ceuta	2 —	Botis	1

NOTAS & IMPRESSÕES DE UMA ÉPOCA PARA OUTRA

NO «court» de ténis o sol punha uma chapa de luz uniforme e durada. Ia principiar o jogo. Era a partida decisiva. Em cada expressão dos assistentes havia impetuosidade e ansiedade: ou eram vapores que fulavam agitadas, os cabelos negros ou platinados em arabescos difusos na claridade; ou rapazes bronzados, na fôrça da vida, que proclamavam antecipadamente o vencedor. Na amálgama da assistência soprava o vento quente da paixão. Quem venceria?... Esta pergunta era a válvula que, uma vez aberta, deixava jorrar uma torrente de crenças, de esperanças, de paixões. Quem venceria?... Esta pergunta também souo os meus ouvidos, também eu a pronunciei para mim mesma; e foi só então que olhei conscientemente os adversários.

Comu-cia-os bem a ambos. Um, de estatura mediana mas sôco, passava de um lado para o outro, percorrendo com olhar calmo a assistência. Se eu o pudesse ver melhor, decerto lhe encontraria nos olhos a mesma firmeza fria com que o via habitualmente dominar os pequenos ou grandes accidentes da vida corrente. Para mim, seria êste o vencedor, mesmo que... não viesse. Eu sabia que a sua persistência calculada, bem medida, sem o deixar cometer excessos nem omissões de treino, lhe havia de trazer, mais tarde ou mais cedo, serenamente, mas firmemente, tal como o seu passo, a menina irrequieta e esquiva da glória.

O outro conservava-se aparentemente impassível, dir-se-ia olhar regiões que a nossa vista não podia abrangeir. Quem o observasse superficialmente dir-lhe-ia a classificação de fleumático. Senhor do seu próprio poder, costumava, porém, dominar as bolas com força reveladora de um temperamento arrebatado e que era, na verdade, o seu. Alto, espadado, o sol a dourar-lhe os cabelos sedosos, a pele tiznada, era o verdadeiro tipo de homem dotado para a luta, ávido dela, incapaz de viver sem ela, tal como os nossos avoengos na era primitiva. Era-lhe desconhecido o câmbio frio do verdadeiro desportista; no seu olhar verde passavam por momentos reflexos de vida interior, apaixonada e brutal. Não procurava no jogo apenas uma distração ou um meio de conservar a sua exultância física. Não; antes encontrava nêllo satisfação à sua profunda necessidade de domínio, e entregava-se-lhe sem reservas nem disciplina. Era atraído por êle e não lhe resistia. Sei que jogava em tudo e com tudo: vi-o jogar com a vida em circunstâncias graves; vi-o jogar com o próprio destino... até com o dos outros... Vivia para jogar...

Nesta partida, já longínqua no tempo, não me ricordo de quei dêstes dois homens venceu. Mas, para mim — as mulheres têm dadas coisas... — foi com certeza o que se sabia dominar a si próprio...

ANABELA

Notas... sem valor

(Conclusão da pág. 6)

Saíu do terreno sob o peso de uma derrota pouco agradável para a «multa» do Excelsior, que por espirito de rivalidade pessoal, fora dos interesses do clube, teve pretexto para ferir os bem intencionados — os verdadeiros academicos.

— Tem sido um «debaite» no campo promocionário, por parte dos clubes da I Divisão. Com promessas tentadoras houve mudanças rápidas de camisolas... Antes da primeira jornada — foi uma «impeza»...

— O «herói» de Marvila tenta repetir o espectáculo da primeira fase — do seu ingresso no Academico. Deu-nos agora nova modalidade no desporto português... Fez gastar tinta e movimentar os «mentideros» da bola. Desta vez, os dirigentes do Academico, sem preocupações, deixaram o protagonista da cena à vontade.

— No seu rumo desportivo, o Vasco da Gama, campeão do Pôrto de «basket-ball», principia a sua nova tarefa com a viagem pelo sul da equipa de honra. Deve partir com a sua «rapaziada» do bairro Herculano, sempre briosa na defesa da Cruz de Cristo, do nosso presado camarada de jornalista Alves Teixeira, director de «O Norte Desportivo».

A vida, diz-m sátiros e entendidos, não deve parar nunca! E a continuidade de acção justifica-se, porque, asseveram os mestres, parar é morrer. Refira-se, claro, ao que se entenda por vida, nêste caso e noutros de caracter identico, so acontecimento puramente desportivo — que é vitalidade e dinamismo. É que há modalidades de desporto consideradas para tempo próprio e com a sua época. Mas no «hockey» não sucede assim. P-lo menos parece não ser assim — tanto que nos desportos do «stika», cada um com a sua feição distinta, afigura-se não haver defeso. Quando não seja em patins — é em campo; e vice-versa.

Sucedo que êste são tem havido movimentação — que dir-se-á desusada; por irrelevante — mais, talvez, que noutras épocas. Quasi não se verifico paralização apenas a necessária, por motivos óbvios e tem-se registado, até, uma continuidade de trabalho, sempre útil, a reflectir o desenvolvimento que os desportos do «stika» tomaram nos últimos tempos. Ainda bem. Cabem essas honras à Federação de Patinagem e às Associações de Hockey em Campo de Lisboa e Pôrto. E, caso curioso, enquanto o norte progride no «hockey» em campo — com justiça: de cada vez mais e melhor — é no «hockey» em patins que os sudistas marcam supremacia incontestada.

Está em curso o último torneio da serie de organizações da F. P. Patinagem para êste ano: a Taça de Honra-1943, prova que sempre despertou interesse e foi animadamente disputada, como agora o está sendo. Entrou-se na nona edição, desta vez com mais clubes que nunca (12) a justificar a expansão da modalidade. Equipas como as do Paço de Arcos e Futebol Benfica, Benfica e Sporting — dois nomes na modalidade e outros tantos no desporto nacional — empareceram com outras, de titulos mais modestos mas igualmente merecedoras de bom acolhimento e de incitamentos. Tais sejam as do Lisgás, Académica de Amadora, Hockey de Sintra, Campo de Ourique, Tabacos, Sporting de Oeiras, Cascais e Atena Comercial — tôdas ellas procurando lutar com denodo por uma classificação de valor.

É dêste ainda para se vislumbrar o vencedor. A pesar de mais espetacular, o Paço de Arcos pode ter qualquer desfalecimento — e então o Futebol Benfica ou o Benfica, mesmo quaisquer outros, aparecerão inevitavelmente a candidatarem-se para a conquista do troféu.

Acontecimentos da semana

«BASKET-BALLS» — Os jogadores do Carnide Clube, que conquistaram o campeonato nacional, foram homenageados pela sua colectividade. Houve uma sessão solene, presidida pelo sr. Alvaro de Sousa, tendo falado os nossos camaradas Langa Moreira e Ricardo Ornelas; Dias Pereira, Damásio Gama e dr. José Catarino.

No final, a menina Maria Eugénia Barros entregou aos 18 atletas as medalhas com que o clube os galardoava.

— O Vasco da Gama ganhou o torneio organizado pelo Sport Conimbricense.

HIPISMO — As últimas provas do VII Concurso de Cascais foram ganhas por Correia Barreto (s) Abílio Ferraz, Holder Brandão, Rodrigo de Castro Pereira e D. Nêma de Arraga.

«HOCKEY» EM PATINS — No torneio da «Taça de Honra — 1943», o Benfica era o único clube que contava por triunfos as partidas disputadas, ao cabo de quatro jornadas.

Figuram também, sem derrota, o Paço de Arcos (n.v.) e o Cascais (s).

MARÇA — O succo Werner Hardmo bateu, em Estocolmo, o seu «record» mundial dos 10 quilómetros (43 m. 21 s. 1/2) percorrendo agora a distancia em 42 m. 47 s.

NATAÇÃO — Acção Agostinho da Costa e o Beira-mar, de Aveiro, foram os vencedores da prova «Triangulo da Barra», organização do Galitos da Foz, do Pôrto.

— O Sportivo de Pedrouços organizou mais um festival, na sua piscina, com a colaboração do Sporting e do Nacional.

— Na festa anual do Vacuum Clube, Alberto Ferreira venceu a maioria das provas.

— A prova de mar Albarque-Setúbal foi ganha por Susana Sovarel Gomes, do Naval Setubalense, a única senhora concorrente.

PEDESTRIANISMO — António Rodrigues Gomes e o Estoril Plage ganharam uma prova popular de 6.750 metros, em Odivelas.

TÊNIS — O torneio internacional de San Sebastian foi ganho por Cochet, Peta Chávarri e sr. de Castejon — Shawort.

que já foi ganho pelo F. Benfica (3 vezes), Sporting e Benfica (2 vezes cada) e Paço de Arcos.

No capitulo do «hockey» em campo, soluçonnée a questão de nova gerência, vimos ter, nos primeiros dias de Outubro próximo, o torneio de abertura, reedição das taças «João da Cruz» e «Domíngos Piteiras», dois veteranos e amigos da modalidade. Nêste desporto — ao contrário do que acontece no norte — é menor o número de praticantes: meia dúzia, na actualidade, quando muito. Ocorre perguntar: por que se espera para fomentar a campanha de propaganda atinente ao regresso de outros praticantes, como o Internacional, o Barreirense e o Luzo, o Vitória de Setúbal, o Campolide e o Liberdade, o Chelas e «Os 13»? Voltaremos ao assunto, brevemente.

Basket-Ball

CAMPANHA ÚTIL DE PROPAGANDA ATRAVÉS DA PROVÍNCIA

UM dos desportos mais divulgados e que arregimentam maior número de praticantes — por exclusão de partes, o futebol não conta... — é, sem dúvida nenhuma, o «basket-ball». Podem contar-se por centenas os seus adeptos e por dezenas os clubes que, através do país, cultivam a modalidade — com o mesmo interesse e devoção.

O «basket-ball», para aproveitar uma frase feita, interessou tôda a gente, de lês a lês de Portugal: quasi não há cantinho desta ridente nação onde êle não se pratique, e principalmente nos centros de maior população e mais «hábito» desportivo.

Esta consoladora verdade define, com a clareza necessária, o ambiente propiciatório ao «basket-ball» que se notou entre nós quasi desde o seu aparecimento, impondo-se aos poucos para acabar por triunfar sem contestação.

Mas a pesar-de disfrutar de boa situação, o «basket ball» é desporto que tem facilidades e apañiguados bastantes para ir longe. Começou agora nova época de trabalho — decerto produtiva, como as anteriores, e triunfante.

Nêste dealbar de nova temporada distinguiram-se a organização do Sport, de Coimbra, e a digressão ao Atlético do norte, adiantando-se dêsse modo a quaisquer outras idéias do mesmo género.

O torneio de Coimbra foi uma autêntica prova de campeões, pois nêllo participaram: o Sport, que já foi campeão nacional e há muitos anos é detentor do titulo da região; o Vasco da Gama e o Atlético, respectivamente, campeões do Pôrto e de Lisboa; e o Sporting, Nacional, um dos mais categorizados «teams» do centro de Portugal. Falton-lhe, é certo, o Carnide, campeão nacional, mas nem por isso o torneio teve menos interesse nem deixou de ser uma prova de campeões.

Quanto ao Atlético, que já na época passada se anticipara a todos os outros clubes, está novamente de parabéns pela iniciativa. E a campanha de propaganda empreendida deve ser utilíssima, em todos os aspectos, porque os «cantarineses» têm um «team» de valor e capaz de boas exhibições. Tendo ficado sem efeito a projectada saída para o sul — pelo menos por enquanto, em virtude de dificuldades de deslocação, no momento — o Atlético aproveitou-se da ida a Coimbra para jogar também no Pôrto, em Gaia e Aveiro. Em Coimbra além de ter jogado com o Nacional, o Vasco da Gama e o Sport, defrontou ainda o Olivais; no Pôrto teve por adversário o F. C. P. e joga hoje, outra vez nesta época, com o Vasco da Gama: em Aveiro defrontou o Galitos e em Gaia o Vilanovense.

Em síntese: a abertura da época trouxe-nos duas organizações excelentes, um começo de propaganda útil para a modalidade. Quere-nos até parecer que esta temporada val ser das melhores nêste capitulo.

Beni Levi

fala à "Stadium"



ENTROU-SE decisivamente no campo das realidades práticas — no que respeita ao «boxing» em Portugal. Reflexo de acção intensa e orientada no melhor sentido. Criou-se o gósto do público e houve, a bem dizer, uma revisão de valores.

E' cada vez maior o interesse que se nota pelas reuniões de pugilismo, consequência, de certo, da campanha de propaganda — utilíssima —

simas, em todos os aspectos — que tem sido feita, mórmente depois que estabelecido foi um paralelo, motivado pela vinda dos primeiros «boxeurs» ultramarinos para o continente.

Mas já antes d'esse «movimento» — operado tão repentinamente que nem sequer ficou tempo para apreciações de caracter específico... — havia entusiasmo e animação, criados à custa de reuniões continuas e de feição popular. Apareceram alguns novos, ansiosos de popularidade e de triunfos.

Foram valores — que hoje alinham na primeira fila.

Alargou-se o horizonte comezinho do pugilismo — e o «boxing» voltou a conhecer períodos áureos, e que tem plenissimo e justificado direito.

O «boxing» é um desporto de emoções, que conquista rapidamente adeptos e cria ídolos.

Beni Levi, que as tubas de fama aureolaram, dando-lhe prestígio e confiança, é um desses ídolos que a multidão venera com simpatia e ardor. Merece-o, porque se trata de um atleta valeroso e valente — e o Mundo só admira o valor e a valentia daquelles que sabem, em quaisquer facetas da vida, dominar as multidões...

Mal se conhecia — aqui, no continente — o nome d'esse rapaz de 25 anos, cheio de mocidade e vigor, quando elle chegou a Lisboa.

Foi aos onze dias do mês de Março — fez há pouco um ano. Era quasi um desconhecido — de quem se sabia, apenas, pelos resultados de lutas travadas em terras de África. Um «boxeur» moçambicano que haveria de figurar, pouco depois, como astro de primeira grandeza em organizações pugilísticas.

D'ele pode dizer-se, com propriedade: chegou, viu e venceu. Mas também convenceu — e isso é o principal, especialmente para elle...

«Quem é Beni Levi? Um homem que veio movimentar o meio, agité-lo e impôr-lhe dinamismo — merecê das suas evidentes demonstrações públicas de valentia e brio desportivo, à custa de extraordinárias faculdades físicas, postas ao serviço de uma ideologia, discutível ou não, mas aparentemente proveitosa. E, contudo, o «caso» de Beni Levi ainda não está sufficientemente esclarecido, a-pesar-de as trombetas da publicidade de apregoarem estrondosamente o seu nome! É que a critica talvez ainda não tivesse encontrado maneira de o apreciar, nas suas devidas proporções — sem exagêros motivados pela idolatria e com a certeza de um conhecimento perfeito de possibilidades.

Não é impunemente que se toca num ídolo criado pelas multidões — sem que motivo forte o justifique. E é esse, em síntese, o «caso» de Levi.

Diz-se que a retumbância das vitórias não admite quebra de continuidade! Éro grande, a nosso vêr, porque nada é intangível. E a derrota do nosso campeão, em Barcelona, proveu de um movimento desencantado: de cepticismo em alguns e de aborrecimento noutros; aquelles tiveram já a prova de que estavam fora da razão; e estes puderam festejar o ressurgimento — tão repentino quanto belo! — do seu eleito.

Muito se tem dito e escrito, já, à-cêrca-de Beni Levi. E algo está, ainda, para dizer-se... O rapaz que um dia — tinha então oito anos — pela primeira vez elçou luyas, no Middlesbroux School, do Transval, e mais tarde, com catorze anos, appareceu a lutar em público, é, hoje, um caso muito sério do «boxing». Como amador, disputou oitenta e um combates; na situação de profissional vai a caminho de uma trintena de lutas, todas vitoriosas e algumas

delas com «boxeurs» de categoria e renome internacional. Apenas uma derrota — e essa mesmo em circunstâncias especiais, mas com «gavanche» de estrondo.

As duas ultimas lutas — com Peiró — provocaram um movimento de grande curiosidade. Fervilharam comentários à-cêrca-de Barcelona; mas, em Lisboa, a réplica foi convincente e decisiva para impôr definitivamente o valor do nosso campeão.

Quisemos ouvi-lo. E a oportunidade deparou-se-nos um dia d'estes, em reunião de amigos. E' que Beni Levi, por sistema e até por temperamento, fala pouco e foge a conversas com jornalistas...

Dessa entrevista respiga-se o essencial, algo do que importa saber e levar ao conhecimento do público. E' uma simples «charla» de amigos e de compatriotas, porque o autor destas linhas também tem o orgulho de ser moçambicano, de haver nascido nas mesmas terras de África.

— Então, Levi, que há com respeito a projectos?!

Este foi a nossa primeira pergunta. Anciosos da verdade (diz-se e apregoa-se tanta coisa...) ficamos à espera da resposta — que afinal não demorou:

— Nada! Positivamente, nada! Pelo menos por agora, conservar-me-ei na expectativa...

E no seu rosto, macerado ainda pelos sinais visíveis da batalha com Peiró, espelha-se um sorriso. Mas logo segue:

— ...aguardando os acontecimentos! E' a minha divisa. Eu também tenho direito a descansar; e por isso mesmo quero recompôr-me.

«Como não vivo do «boxing», mas sim de outra profissão que tenho em Lourenço Marques, não preciso de lutar tão cedo. A não ser, claro, que se me porporeione qualquer ocasião; e n'esse caso não volto a cara...

«Mas, por enquanto, não tenho quaisquer projectos. Pode affirmá-lo publicamente.

— Falou-se de nova ida a Espanha. É verdade, Beni?!

— Nada sei! Nem me interessa grandemente. Gosto de combater entre os meus patriotas. Sinto-me outro e pago-lhes, como posso, a simpatia que me dão. Mas se quiserem que eu volte a Espanha — irei. É questão, simplesmente, de chegar a acôrdo sobre as condições da ida...

— Diga-me, Levi, como foi aquillo em Barcelona?!

O «empêño» concentra-se. Na sua máscara villil estampa-se o descontentamento pela impertinência da pergunta. Mas os jornalistas são, por temperamento, indiscretos e às vezes atrevidos! E Levi, que nunca foge à luta é, afinal, um excelente moço — e accita a batalha.

— Para lhe ser franco, estou ainda para saber como aquillo succedeu! Coissas que acontecem...

«Confesso-lhe que durante os quatro primeiros «rounds» lutei como autómatto, quasi por instinto de defesa! Fui spanyado... como tem succedido

O Clube de Futebol "os Belenenses" Comemorou o 24.º aniversário



O Clube de Futebol "Os Belenenses" completou 24 anos no passado dia 23 e esteve em festa no domingo, para comemorar o aniversário. Nas Salesias, depois do jogo com os Unidos, efectuou-se um desfile de atletas do clube — com 82 campeões, 13 dos quais da acção feminina. O sr. comandante Reis Gonçalves, após curta alocução, procedeu à entrega de medalhas. As gravuras focam dois aspectos do desfile (1 e 2) e algumas futuras "atletas" (3) que depois da festa procuraram fazer exercício...

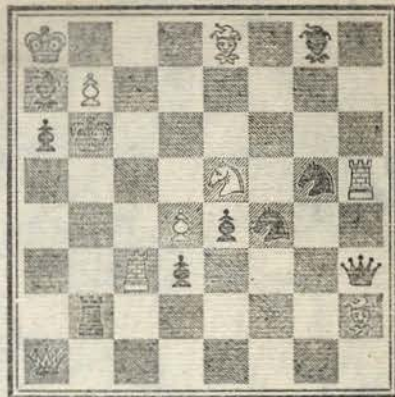
Sem ter ligação com a comemoração belenense, mas por casualidade no mesmo dia, um grupo de amigos de Alberto Rio — alguém que foi justamente celebrado envergando a camisola dos "azuis" — prestou-lhe singela mas carinhosa homenagem. A gravura (4) mostra A. Rio rodeado dos seus admiradores, após a entrega de uma expressiva lembrança.

XADREZ

PROBLEMA N.º 6

De Problemist, 1932

Barulin e Issacoff



1.º prêmio

Mate em 2 lances

O GRUPO DE XADREZ DO PORTO é campeão da Portugal

Iniciou-se em Dezembro de 1941 um importante torneio inter-grupos, por correspondência, que reuniu as inscrições das mais destacadas agremiações da modalidade, em Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal.

Durante mais de um ano foram distribuídos pelos principais cidades do país alguns milhares de postais, em que apenas eram legíveis uma lconica saftulação e meia dúzia de cifras, causas de sabe-se lá quantas ansiedades!

A grandiosa competição terminou há pouco, com a vitória retumbante do Grupo de Xadrez do Porto, que, manifestando admirável apgo à luta, não perdeu uma única partida, consentindo apenas três empates!

Para maior exposição dos números que ditaram a classificação, eis uma tabela com os resultados finais:

	P.	S.	L.	T.	C.	Pontuação
1.º Porto...	—	5½	5½	5½	6	22½ pontos
2.º Setúbal..	½	—	3½	3	4	11
3.º Lisboa...	½	2½	—	3	4½	10½
4.º Ténicos	½	2	3	—	3½	10
5.º Coimbra.	0	2	1½	2½	—	6

A título de curiosidade vão, seguidamente, alguns dados estatísticos: nas 60 partidas jogadas (metade das quais foram iniciadas com 1. e2-c4 — «partida aberta») verificaram-se os seguintes resultados: as brancas ganharam 30, as pretas 16, e empataram-se 14. As aberturas que gozaram de maior adopção foram: o gambito da Dama recuado (11); a Partida Espanhola (9); a defesa Siciliana (5); etc.. Num dos próximos números reproduziremos uma das partidas jogadas neste torneio, especialmente anotada para «Stadium».

CORRESPONDÊNCIA

Fernando da Silva, Ponta Delgada — Registamos, agradecidos, o seu interesse pela nossa secção, e fazemos votos para que o desenvolvimento do Xadrez aporeno encontre em si o patidão de que necessita.

Quanto aos problemas que nos enviou, lamentamos ter de lhe dizer que provavelmente estão insolúveis. Dizemos provavelmente porque os respectivos enunciados não acompanhavam os trabalhos e a chave que indicou não solução na os problemas, pelo menos em dois lances, como parece ser a sua ideia.

Admitimos também a hipótese de má interpretação do modo convencional de escrever partidas. Está bem certo da exactidão das posições enviadas?

Ficamos aguardando uma possível rectificação ou novas tentativas. Lembremos-lhe, contudo, que um dois-lances simples é o mais aconselhável para o compositor principiante, e que, em regra, as chaves não podem constituir queques, nem tampouco devem cortar casas de fuga ao rei negro... Cumprimentos e bom xadrez!

OS ALUNOS DA CASA PIA DE LISBOA

passaram as férias fazendo campismo

O campismo — que pelo interesse que está despertando deve alcançar em Portugal enorme desenvolvimento — é também praticado pelos alunos da Casa Pia, tanto das suas secções masculinas como femininas, aquéles em acampamentos instalados na Costa da Caprica e na Venda Sêca, e as educandas num acampamento em Azeitão.

Neste período de férias preferiu-se, e muito bem, conseguir para os internados um pouco de vida ao ar livre, em substituição da vida do internato, agora sem aquéle ambiente movimentado do período de aulas. E isto porque nem todos os alunos e alunas têm família que os possa levar a férias...

Assim, em quinze dias de vida ao ar livre, sob saudáveis pinheiros, ou outros tantos dias podendo receber os benefícios do ar do mar, os educandos da Casa Pia de Lisboa têm as suas

férias ao mesmo tempo que são integrados na pureza de um desporto — o campismo — neste caso praticado com todos os pormenores e especiais atenções que requerem as dezenas de raparigas e rapazes entregues aos cuidados do nosso prestigioso e criterioso estabelecimento de assistência pública.

Basta dizer que antes de seguirem para os acampamentos todos os alunos e alunas são minuciosamente inspecionados pelos médicos, os quais, segundo o seu exame, indicam campo ou praia.

Os resultados foram excelentes. No ano passado, em 200 rapazes, só um perdeu peso.

Esta deliberação de escolher para os alunos da Casa Pia, no período de férias, um dia de campismo, não tem outro objectivo senão o de proporcionar-lhes uns dias de repouso, sim, mas no melhor e mais saudável ambiente, ao mesmo tempo que se obrigam a pôr em completo funcionamento as suas qualidades de agilidade e destreza.

Os resultados obtidos — repetimo-lo — são magníficos — e o campismo para os alunos da Casa Pia prossegue.

A-PROPÓSITO...

Armando Moitinho de Almeida

treinador obsequioso do Naval Setubalense

ARMANDO Moitinho de Almeida, de uma família de nadadores, figura de primeiro plano na natação portuguesa da última dúzia de anos, sustentáculo da equipa do Algés em numerosas provas e campeonatos, passará, uma vez por semana, aos domingos, devidamente autorizado pela Federação Portuguesa de Natação, a administrar ensinamentos e a treinar a equipa de natação do Clube Naval Setubalense. Os nadadores propriamente de hoje — referimo-nos especialmente aos infantes e principiantes — entre os quais se contam muitos dos que ele vai treinar, não conheceram Armando Moitinho nos seus tempos áureos, nos seus tempos de campeão.

São para êles as linhas que se seguem. Muito novo, Moitinho de Almeida revelou as suas magníficas qualidades, nomeadamente como «sprinter».

Quando, em 1932, o Algés e Dafundo fez a sua viagem a Barcelona, Moitinho baixou para 1 m. 8 s. 4/5 o «record» nacional dos 100 metros livres. Este «tempo» é, ainda hoje, marca de valor, como todos sabem. Avale-se, portanto, o que representava há onze anos... Nos 200 metros, de que durante muitos anos foi «recordman», com 2 m. e 40 s., e campeão nacional, deixou também assinalado, de maneira inconfundível, o seu valor. E registe-se a sua presença, por diversas vezes, em equipas campeãs de 4x200 metros livres.

Mas Moitinho não se distinguiu só como nadador de velocidade — que o foi fundamentalmente. Nos 400 metros, na travessia do Tejo e até, por vezes, nadando bruiços, deixou um nome, vinculado a traços inapagáveis na história da natação em Portugal.

Relembramos ainda a sua acção como jogador de «water-polo», no primeiro «team» do Algés, e recordemos, a propósito, a maneira sempre brilhante como defrontou equipas estrangeiras, quer em Algés, quer em terras de Espanha.

O Naval Setubalense está, pois, entregue em boas mãos. Pena é que a assistência de Armando Moitinho de Almeida aos rapazes sadinos seja tão pouco amudada. Apenas, uma vez por semana, aos domingos, irá a Setúbal. Mesmo assim, a acção de Moitinho de Almeida dará, em breve, os seus frutos.

Vontade não falta aos rapazes de Setúbal. Faltam-lhes, sim, conhecimentos técnicos. E é esse pormenor que Moitinho irá resolver.

Setúbal está, a nosso ver, de parabéns. A natação na cidade sadina será, dentro de pouco tempo, uma realidade insofismável.

Visitámos oportunamente o acampamento que esteve instalado no pinhal da estrada da Costa da Caprica, junto à Colónia de Férias da F. N. A. T.

No meio do denso pinhal lá estavam as barracas alinhadas, por entre as quais os «gansos» tinham «abertos» os seus caminhos e passagens.

Amavelmente recebidos pelo director dos serviços de campismo da Casa Pia, sr. professor Carlos Diegues, pudemos percorrer todo o acampamento e verificar a forma impecável e disciplinada como êle funcionava.

Estiveram ali 180 casaplanos, acompanhados do director do acampamento, sr. professor Augusto Raposo, e de um grupo de graduados.

Cumpriram-se todas as regras do verdadeiro campista, excepto os serviços de cozinha, que estiveram a cargo do pessoal da Casa Pia, para ali especialmente enviado. De restq executaram-se todos os preceitos indicados para viver a vida ao ar livre.

Os campistas casapianos, tomada a primeira refeição, procediam ao arranjo das suas barracas e seguiam para a praia, regressando pouco antes do almoço. À tarde, com o seu período de repouso a seguir à refeição, era preenchida por jogos ou entreteriam-se a embelazar as suas barracas, um passatempo curioso e ao mesmo tempo educativo, pois que, conforme o gosto artístico dos ocupantes de cada uma delas, se podiam ver caprichosos desenhos feitos em folhas de árvores, conchas e flores. Vimos ali, à entrada de uma barraca, uma bem desenhada Cruz de Cristo.

Todos os dias um professor da Casa Pia ia ao acampamento fazer uma palestra cultural. Antes do jantar, os «gansos» davam um passeio. À noite, antes do recolher, acendia-se o «Fogo do Conselho» — a «Chama da Pátria», como era designado nos acampamentos casapianos.

E os 17 dias estipulados para cada turno passaram depressa e agradavelmente, gosados pelos internados das secções Pina Manique (Belem), asilos Nuno Álvares e Maria Pia, e os femininos de Santa Clara e 23 de Maio, todos agora integrados na Casa Pia de Lisboa.

Como salientámos, o acampamento estava bem montado. Os chuveiros e lavabos eram resguardados devidamente, a cozinha de campanha, a despensa, um serviço de estafetas com as respectivas bicicletas, o de correio — lá estava o respectivo postal pregado no tronco de um pinheiro... — e o de saúde de urgência.

Mas o sr. professor Carlos Diegues aspira a muito mais e espera poder conseguir melhorar os seus serviços de campismo. Não lhe falta interesse, entusiasmo e, para maior incentivo, os excelentes resultados obtidos pelos simpáticos «gansos» em dois anos de prática de campismo.

FERNANDO SÁ

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 39\$00

12 meses Esc. 78\$00

OS CAMPEONATOS DE VELOCIDADE

não corresponderam ao que podiam e deviam ser

SE quisermos seguir o princípio de tudo elogiar para captar simpatias, podíamos dizer que os campeonatos de velocidade haviam sido competição de real valor e, como tal, de acordo com o nível que a modalidade atingiu entre nós. Mas isso, além de deturpar a verdade — o que nada teria de abonatório para a crítica — constituiria ainda delicto mais grave contra a própria velocidade, porque dava ideia errada da difícil situação que este desporto atravessa, contribuindo assim para a manutenção de determinado estado de coisas que é necessário combater, a fim de que não volte a repetir-se.

Por muito que custe a todos quanto têm trabalhado em benefício do ciclismo português, os campeonatos de velocidade de 1943 não corresponderam ao que seria lógico esperar-se, particularmente depois de uma época de acentuado brilhantismo, em que Portugal mostrou possuir «sprinters» de verdadeira classe.

Neste ano, os títulos de campeão de velocidade quasi não foram disputados. Foram adjudicados...

Mas de nada foram culpados os concorrentes que se prestaram a correr. Merecem toda a nossa simpatia, póto que a eles se deve que as provas se efectuassem. A culpa deve atribuir-se, única e simplesmente, à onda de derrotismo que assola a velocidade, ao desejo de que estão possuídos alguns dirigentes de destruir, complicar ou acirrar toda a mecânica do ciclismo e ainda à tendência que se nota na actualidade para «emborralhar» tudo quanto encerre possibilidades de trabalho benéfico.

Assim se perdeu em um ápice toda a obra construída encetada há tempo para desenvolver o ciclismo de competição, assim se roubou brilho aos campeonatos de velocidade e assim se criou mais uma situação afiliva para a velha União, que viu ruir todas as justas esperanças de equilibrar a precária situação financeira que atravessa.

Que meditem nisto todos os que supõem não ser com ajuda mútua e espírito de colaboração que se pode conseguir algo de proveitoso.

Os Campeonatos distritais...

A vitória de João Lourenço não surpreendeu. Todos sabem que só Eduardo Lopes pode ombrear com ele — e que não correndo este é o brioso sportinguista o vencedor. No entanto, sincero e bom desportista como é, Lourenço estimaria mais perder com Lopes a lutar do que vencer em competição com outros elementos.

Interessante, e quanto a nós normal, a vitória de Dias Santos em júniores. Este atleta, embora não o pareça à primeira vista, é mais corredor do que Mourão. Possui mais fibra, é trabalhador — e por enquanto sabe obedecer.

O popular Benfica entrou com o pé direito nas competições de pista. Mais pelo título conquistado do que pelo mérito da luta travada (o adversário de Marçal Loureiro correu «handicapped») os «encarnados» voltam, após alguns anos de intervalo, a inscrever o seu nome na lista dos campeões de velocidade. Oxalá que este facto sirva de estímulo para novos cometimentos.

Quanto à vitória de A. Quadros, adquirida à custa de energia e força de vontade, é um prémio bem justo para o seu clube, o Apolo, que se mantém em actividade a despeito das inúmeras dificuldades da hora presente.

...repetiram-se nos nacionais

Dando sequência aos campeonatos distritais, a U. V. P. fez disputar no último domingo os campeonatos nacionais.

Nem o Pórt, que já havia apurado o seu campeão, nem os outros distritos do país, que por vezes animam também estas competições, tiveram este ano corredores nas provas máximas de velocidade pura. Assim, os nacionais foram, em valor, a repetição dos distritais, excepto na categoria de juniores.

Em Independentes, João Lourenço voltou a

triumfar, em luta com Inácio; em seniores, Júlio Mourão desforrou-se da derrota infligida oito dias antes, batendo Marçal Loureiro.

E assim terminaram as provas organizadas em 1943 para atribuição dos títulos de campeão. Recapitulando, ficaram distribuídos como segue:

Distritais de fundo (Lisboa) — *Independentes*, João Rebelo, do G. D. Iluminante; *seniores*, Tavares da Silva, do Lisgás; *júniores*, Júlio Mourão, do Sporting; *iniciados*, Dias Neves, do Sporting; *velocistas*, Dias Muis, do Benfica. Nacionais de fundo — *Independentes*, João Rebelo, do G. D. Iluminante; *seniores*, Tavares da Silva, do Lisgás; *júniores*, Guilherme Jacinto, do G. D. Iluminante.

Distritais de velocidade — *Independentes*, João Lourenço, do Sporting; *seniores*, Marçal Loureiro, do Benfica; *júniores*, Dias Santos, do Sporting; *iniciados*, A. Quadros, do Apolo. Nacionais de velocidade — *Independentes*, João Lourenço, do Sporting; *seniores*, Júlio Mourão, do Sporting; *júniores*, Campos Avelar, do Lisgás.

Resumo: Sporting, 6 títulos; G. D. Iluminante, 3; Lisgás, 3; Benfica, 2; e Apolo, 1.

GIL MOREIRA

ATLETISMO

A F. N. A. T. E O SPORTING sustentaram a actividade

O esgotamento dos programas de competições de campeonato, estatutariamente obrigatórias para a Federação e Associação e objectivo limitado do espírito de iniciativa dos respectivos dirigentes, não pôs felizmente termo à actividade do atletismo regional.

No meio clubista cabe ao Sporting o louvável empreendimento — que foi compensado por extraordinário êxito de ocorrência — de aproveitar a sua magnífica (desculpem aqueles que o adjectivo arrelia e pretendem teimar na afirmativa de que não está em condições) pista para organizar uma série de sessões reservadas a estreantes que venha a constituir o renascimento das suas equipas para a época próxima; recrutando com longa antecedência, o clube leonino reúnir um grupo de seleccionados aos quais pode ministrar durante todo o inverno a educação física necessária.

No primeiro domingo em que a organização foi anunciada compareceram cerca de cem rapazes, dos quais apenas uns oitenta puderam mostrar as suas habilidades, porque se esgotaram os equipamentos e o Sporting, muito bem, não quis nenhum em campo sem o seu traje oficial; na segunda sessão, a-pesar-de um incompreensível erro na indicação, os concorrentes foram mais de sessenta.

Supunhamos, o que em nada corresponde à verdade, que não aparecia entre tantos aspirantes nenhuma indicação de valor; mesmo assim, a iniciativa do Sporting seria utilíssima pela propaganda que desenvolve e pelas horas de vida livre e saudável que proporciona a tantos rapazes.

As provas disputadas nas duas jornadas, e que se repetem nas jornadas próximas, foram as do programa oficial de estreantes — e entre os elementos classificados contam-se já merecedores de menção nominal: Manuel Colaço, vencedor dos 60 m. em 7.9 s. e dos 250 m. em 34.2 s.; Manuel dos Santos Franco que percorreu os 2.000 m. em 6 m. 27.2 s. e o seu imediato competidor José Araújo (oito dias depois campeão da F. N. A. T.); Humberto Bastos, cujo estilo natural faz lembrar o do «outro» Bastos já campeão, triunfador dos 700 m. em 1 m. 58.2 s. sem adversário que o apertasse; o lançador António Viegas, o saltador em comprimento César da Cunha, e outros que talvez posteriores exhibições venham a apresentar sob o seu verdadeiro valor.

Parabéns aos dirigentes sportinguistas, para que continuem a trabalhar, mesmo ante o si-

Beni Levi fala à «Stadium»

(Conclusão da pág. 12)

a tantos! Foi uma grande lição que recebi. Ah! Mas em Lisboa as coisas mudaram...

— ... Agora?! — Quando os acontecimentos, como disse. Creia que estou aborrecido com certas coisas — porque eu não sirvo para isto! Gosto de lutar e não fujo à luta, amice, mas julgo que o meu erro é diferente! Não falo do público, porque ele tem-me acariolado sempre, mas...

E Beni Levi, que não quer, decididamente, entrar em confidências — sabendo que os jornalistas são, por exigência do seu mister, indiscretos e atrevidos — cala-se por momentos. Depois:

— Diga, lá na «Stadium», do meu reconhecimento pelo carinho que o público me tem dispensado. Continuari a pagar-lhe como possa, dando todo o meu entusiasmo nos «matchs» que tenha de fazer. Gostaria de lutar aqui — e voltar depois à África, onde tenho a minha vida. Espanha ou qualquer outro ponto do estrangeiro — só me interessa desde que as condições sejam vantajosas. Mas, por ora, quero descansar...

«Não tenho compromisso de qualquer espécie com pessoa alguma, com respeito a organizações futuras. Vou para onde quiser e estou livre de contractos. A não ser com o sr. Canelas, meu manager e meu amigo, que preso e estimo. E, em boa verdade, o maior compromisso que tenho, assumi-o eu próprio para com o público; a esse, sim, a esse darei satisfação à custa dos meus punhos...

Aqui acaba a entrevista. Beni Levi fôra franco e dissera aquilo que importa conhecer. O resto, o que é não quis ou não pôde dizer no momento, fica expresso nas frases com que nos despedimos:

— Porque não preciso do «boxing» para viver, porque tenho o meu emprego, lá «coisas» que me aborrecem e lastimo sinceramente. Contos largos... Contos largos...

JORGE MONTEIRO

lêncio censurável da grande crítica, porque os factos e a sua própria consciência lhes darão a única recompensa que procuram.

O torneio entre trabalhadores

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho tem consagrado à divulgação das práticas atléticas, entre os seus filiados, um interesse particular, cujos resultados começam a impôr-se e assinalam o caminho de rápidos progressos.

Os campeonatos deste ano, reservados apenas aos atletas que não tivessem tomado parte em provas oficiais, pelo menos desde a época de 1941, reúniram no seu campo privativo de Belem 108 dos 135 que estavam inscritos, percentagem excelente e invulgar.

Houve muito entusiasmo, a melhor camaradagem entre todos e disciplina dentro e fora do campo, organização simples, com meia dúzia de elementos no júri, o que não impediu que se agrupassem as disputas de saltos e lançamentos e tudo seguisse sem perda de um minuto. Bastou boa vontade e competência equilibrada entre os juizes e fiscais, educados na própria escola atlética da F. N. A. T.

O Batalhão de Sapadores Bombeiros foi o grande vencedor do campeonato, batendo em rija pugna a União Fabril do Barreiro, Fábrica de Loica de Sacavem, «F. N. I. M.», Casa Vautier, Estatística, etc.

De todo o programa despertaram particular interesse as finais das três corridas de 80, 300 e 1000 metros, as estafetas e o salto em comprimento.

Nos 80 metros sucedeu — caso raro — que dois homens fossem considerados empatados e tivessem de repetir a final para apuramento do vencedor; foram eles Carlos Azevedo e Craveiro da Costa, o primeiro afinal campeão com 0,9 s.

O vencedor dos 300 metros, Cesar de Jesus Gomes, em 39,8 s., tem estôfo e classe: posante, combativo, arrancou o triunfo à força de energia, obrigando os adversários, um a um, a cederem ante a sua vontade.

O mesmo pode escrever-se de Joaquim Campos, que ganhou os mil metros em 2 m. 56,2 s.; este também não cede enquanto lhe resta um átomo de recursos para lutar, e assim ganhou sobre outro bom corredor, Francisco Justo, que na estafeta deixou a melhor impressão.

Os classificados no salto em comprimento possuem classe, destacando-se o conhecido futebolista Francisco Lopes, que também ganhou a prova de dardo.

Com excepção dos 3000 metros, cujo resultado foi modestíssimo, todas as outras marcas ultrapassaram os mínimos estabelecidos para admissão ao campeonato nacional, marcado para 11 de Outubro, e onde comparecerão os representantes apurados no Pórt e em Coimbra.

SALAZAR CARREIRA

Stadium



2

O Domingo Desportivo na Capital do Norte: 1—O F. C. Porto obteve outra expressiva vitória, desta vez sobre o Leixões. A gravura foca um esplêndido remate verificado neste encontro; 2—No jogo Académico-Boavista, Levy defende a sócia um «canto», numa fase cheia de movimento; 3—A equipa do Beira Mar, vencedora da prova de natação «Triângulo da Barra», organizada pelo Galitos do Douro. A contar da esquerda: Acácio Costa, Amadeu Moreira e João A. Costa, respectivamente 1.º, 2.º e 3.º classificados.

(fotos Hermann)

